

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

Amor nas entrelinhas
Uma pitada de amor
Uma proposta irrecusável

Sumário



[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 1



— Então, refresque minha memória: quem é esse Tio Eric Malvado mesmo? Tenho certeza de que você já me falou dele, mas não consigo acompanhar nem a vida dos meus próprios parentes, imagine a das outras pessoas.

Sophie colocou a colher no pires e olhou, pensativa, para uma de suas duas melhores amigas, sentada à sua frente.

— Ele é alguma coisa do meu pai, Mands, mas também nunca o conheci. Ou, se conheci, era muito nova para lembrar, então é normal que você também não se lembre. Não tenho certeza se é realmente um tio ou um primo mais velho. Acho que eles tinham brigado, mas parece que está tudo bem agora.

Elas estavam em sua cafeteria favorita, em sua mesa favorita ao lado da janela, de onde podiam ver as pessoas passando e de quebra comentar sobre as roupas delas. Sophie, pela força do hábito, limpou um pouco de café derramado com um guardanapo.

— E por que mesmo você tem que tomar conta dele? Você só tem 22 anos. Não é nenhuma velha solteirona, dessas que são despachadas para cuidar de parentes idosos e solitários.

A reprovação de Amanda ficava ainda mais evidente pela maneira como ela mexia seu cappuccino, com movimentos

bruscos.

Sophie apertou os olhos fingindo dar uma bronca na amiga:

— Você lê muitos romances históricos, Mandy. Mas admito que a situação dá mesmo a impressão de que a filha desgarrada está sendo mandada para a casa do tio rico na esperança de que ele deixe todo o seu dinheiro para ela — disse, e franziu as sobrancelhas. — Mas não é isso. De jeito nenhum.

Amanda levantou as sobrancelhas, cética.

— Não é! — protestou Sophie.

— Então sua família não está fazendo você de empregada de novo enquanto a acompanhante desse parente aleatório está de férias?

Sophie encolheu os ombros.

— Ela não é uma acompanhante! É uma governanta, ou cuidadora, ou algo assim... Acompanhante soa muito estranho.

Amanda encarou Sophie.

— Por que você? Por que não outra pessoa da família? Por que não sua mãe, por exemplo?

— Ah, Amanda, você sabe por quê. Ninguém mais toparia ir. E, de qualquer forma, estou desempregada no momento. — Sophie sabia que a amiga estava mais indignada do que ela própria com a ideia de cuidar de um parente idoso. Talvez ela tivesse realmente cedido à pressão da família. — Eu vou cobrar por isso — argumentou Sophie.

— E você acha que ele vai pagar? Com certeza, se quisesse, ele poderia procurar uma agência e contratar uma pessoa para cuidar dele. Não estaria insistindo em chamar alguém da

família. Ele deve ser um mão de vaca. Por isso o chamam de “malvado”.

Sophie ponderou.

— Bem, como eu disse, não o conheço pessoalmente, mas minha família toda de fato diz que ele é um pão-duro. Parece que tentaram pedir dinheiro emprestado a ele numa crise financeira e ele colocou todos para fora de casa berrando trechos de Shakespeare sobre devedores e credores dizendo que não era um deles. — Ela riu, imaginando os pais irritados com o desfecho da situação. — Mas isso foi há muitos anos.

— Bem, ele deve ser mão de vaca mesmo para pedir a você que tome conta dele, se pode pagar por um profissional.

Sophie mordeu o lábio. Ela não queria contar para Amanda que foi a mãe dela quem ofereceu seus serviços, provavelmente para abrandar tio Eric, agora que ele estava bem mais perto da morte. Mesmo que ele não quisesse emprestar dinheiro, talvez acabasse deixando uma herança para eles, já que não tinha outros parentes. E a família de Sophie estava sempre na pindaíba.

Mas Amanda conhecia Sophie desde a época da escola e sabia muito bem como a família tratava a filha mais nova.

— Nem precisa me dizer. Foi sua mãe quem falou para ele que você faria isso.

— Tá bem, tá bem, então não digo! — Sophie piscou para a amiga por cima da xícara de café. — Está tudo bem. Eu sei que você acha que a minha família toda me trata mal, mas eu dou conta de muito mais do que eles imaginam. Ser considerada burra pelas pessoas, mesmo que seja pela sua própria família, te

dá um pouco de poder, sabe? — Ela sentia que precisava explicar por que não estava indignada. — Sei que sempre pareço estar engolindo sapos, mas nunca faço nada que realmente não queira.

Amanda suspirou.

— Bem, se é o que você diz... Mas eu nunca entendi por que sua família acha você burra.

Sophie deu de ombros.

— Acho que é porque não sou uma acadêmica como eles, e também por ser a mais nova. Acho que acabaram se acostumando a me ver dessa forma. E também por acharem que meus talentos não são muito úteis. Embora sempre se beneficiem deles. — Ela suspirou. — Bem, na minha família, se você não tem um título antes do nome, você não é ninguém.

Amanda bufou.

— Bem, eu adoraria saber o que Milly tem a dizer sobre isso.

Milly, a terceira parte do trio conhecido na escola como “Milly-Molly-Mandy” — injustamente, na opinião de Sophie, que odiava ser chamada de Molly —, morava em Nova York. Alguns anos mais velha que as outras duas, Milly era a líder do grupo, e sempre falava o que pensava. Era ainda mais direta que Amanda.

— Eu não quis perturbar a Mills com isso, embora tenha mesmo que ligar para ela. Só que agora preciso correr. Tenho que achar copos de plástico minimamente decentes para as crianças. As pessoas vão chegar por volta de uma hora da tarde — disse Sophie, fazendo uma cara estranha. — Minha mãe está insistindo em montar um cômodo especial para as crianças no

segundo andar, no antigo quarto de brinquedos. Ela diz que é porque acha que será mais divertido para elas, mas a verdade é que não quer crianças atrapalhando a festa dela.

— Viu só? Lá vai você de novo, fazendo um monte de coisas para ajudar sua mãe a dar uma festa, e eles continuam tratando você como uma cidadã de segunda classe.

Sophie deu uma risada:

— Isso não tem nada a ver com classe, querida, tem a ver com cérebro! Eu até tenho classe, mas os resultados das minhas provas dizem que não tenho lá muito cérebro.

— Você parece a sua mãe falando.

— É mesmo? Isso não é bom.

— É inevitável. E acho que a sua mãe tem razão sobre o cômodo para as crianças. Festas de adultos podem ser insuportáveis quando você é mais novo. E seu pai tem uma tendência a perguntar às crianças coisas do tipo “você está aprendendo latim?”.

Sophie ergueu as sobrancelhas.

— Mas essas festas também são bem chatas quando você é adulto. É por isso que esse ano você não vai. No ano passado você foi, não é? E meu pai não te pergunta mais nada sobre latim. Ele sabe que você estudou comigo na escola e que nós não aprendemos latim.

Amanda agora estava, obviamente, sentindo-se culpada.

— Você quer mesmo que eu vá? Eu vou. A gente costumava se divertir no festão anual dos seus pais.

— Sim, quando nós três pintávamos o rosto umas das outras e íamos brincar no jardim com a mangueira.

As duas suspiraram com o momento nostálgico, e Sophie continuou:

— Tudo bem. Encaro essa sozinha. Afinal, estou acostumada com minha família horrenda. Posso lidar com eles.

Sophie franziu a testa de leve. Ela não havia sido totalmente sincera com Amanda. Embora tenha sempre aceitado seu lugar na hierarquia da família, aquilo havia se tornado mais irritante nos últimos tempos. Principalmente naquele período difícil em termos financeiros. Sua habilidade em transformar o que era velho e usado em algo chique estava sendo bastante útil, e até que seria bom ganhar um tapinha nas costas de vez em quando.

Escondida numa ruazinha na parte mais antiga da cidade, havia uma loja que vendia lembrancinhas para festas. Como tudo estava em liquidação, Sophie acabou comprando mais coisas: velas que soltavam faíscas, tinta para pintar o rosto e perucas metalizadas. Depois, subiu a colina que dava na enorme e antiga casa vitoriana onde morava.

Ela achava que, se o fato de estarem sem dinheiro fosse realmente um problema para os pais, eles teriam se mudado para um lugar menor, ou transformado parte da casa num sobrado e o alugado. Bastava fazer um banheiro e uma pequena cozinha no sótão, e eles poderiam ter uma fonte de renda fixa há anos. Do jeito que a casa estava, os familiares que ainda moravam lá — Sophie, Michael, seu irmão mais velho, e os pais — viviam brigando pelo único banheiro e fazendo bagunça nos quartos desocupados.

A mãe de Sophie, que desistira da carreira de professora para virar artista, havia usado boa parte do espaço para montar um estúdio e guardar suas pinturas. Seu pai, um acadêmico, era um comprador de livros compulsivo. Ele precisava de um escritório e de uma biblioteca. Michael, que também era acadêmico, precisava das mesmas coisas que o pai. Uma vez, Sophie chegou a sugerir que os dois dividissem uma biblioteca para que ela tivesse um espaço onde pudesse fazer suas costuras. Nada feito: arte era arte, e costurar era considerado no máximo um trabalho de “restauração”, ou algo totalmente frívolo. Sua irmã Joanna havia saído de casa quando Sophie tinha 15 anos, e ela acabou ocupando o quarto vazio com sua máquina de costura e toda a parafernália de que precisava para suas criações.

Agora, os quartos do primeiro andar haviam sido desocupados para a festa de seus pais, algo que exigiu bastante do talento de Sophie. A casa tinha graça e charme, mas os carpetes estavam surrados. Havia manchas de mofo neles, que foram escondidas com gigantescos arranjos de flores. Sophie também teve de forrar as mesas com toalhas para disfarçar os círculos deixados pelos acadêmicos desleixados, que costumavam colocar suas canecas quentes em qualquer lugar.

A cozinha havia sido ocupada pelo pessoal do bufê, Linda e Bob, para quem Sophie trabalhava com frequência como garçone. O espaço era enorme, equipado com aquele tipo de móvel vintage que está na moda hoje em dia — mas só porque eles deixaram passar a época em que as cozinhas planejadas eram uma febre. Sophie às vezes pensava em vender todas aquelas “reliquias” da cozinha, substituí-las por itens mais

novos e ganhar algum dinheiro. Mas coisas novas não combinariam com aquele lar levemente decadente.

Ela largou a bolsa em cima do balcão.

— Ok! Limão-siciliano, limão, batatas fritas e comidinhas variadas para as crianças. Faltou alguma coisa?

— Acho que não — disse Linda, pegando os limões. — As saladas estão montadas, já preparei o salmão e as carnes frias. O que é quente está no forno, então acho que está tudo certo, na verdade.

— Então, o que você quer que eu faça?

Sophie era muito boa em decifrar linguagem corporal. Sabia que sua amiga precisava de alguma coisa, talvez de muita coisa. E estava acostumada a auxiliar nas festas da família. Sempre ajudava em tudo, na verdade. A jovem ficava muito feliz em ser útil, diferentemente dos homens da família, que sempre pareciam ofendidos quando alguém lhes pedia que fizessem algo minimamente doméstico. Sua mãe, obviamente, não achava que precisasse oferecer ajuda: ela estava, no momento, imersa na banheira, exausta depois de remodelar o jardim. (Sua sensibilidade artística não estava batendo com uma combinação de cores específica.)

— Você pode levar as taças para a sala de jantar? E talvez dar uma limpada nelas? Seu irmão as pegou na loja de vinhos, mas dei uma olhada e não me parecem limpas.

— Está bem.

Sophie pegou um pano de prato, colocou-o no ombro e levou as caixas com as taças para a sala de jantar. Lá, havia uma sacada que dava para o jardim; o clima estava bom como fazia

muito tempo não se via em outubro, e talvez fosse agradável abrir as portas e deixar o caminho livre para a varanda.

O jardim, como o restante da casa, era muito encantador, se você não se detivesse tanto nos detalhes. Havia diversos arbustos gigantescos — sem poda fazia anos — e aglomerados enormes de flores floxes rosa-choque, que floriram tarde demais, ao lado de tritônias laranja. (Foi isso que causou o ataque repentino da mãe com um garfo para jardinagem.)

Ainda meio corada e reluzente do banho, a mãe encontrou Sophie na sala de jantar mergulhando as taças numa bacia com água quente e lustrando-as.

— Ah, querida, não faça isso! Elas já estão bem limpas. Preciso que arrume umas flores para o hall. Eu não tinha notado aquela mancha assustadora logo em frente à porta. Um vaso de flores grande a esconderia. Precisamos de mais uma de suas criações malucas.

— Hmm... eu precisaria de uma mesa ou algo assim para colocar o vaso em cima. Ah, já sei. Tem uma caixa de papelão bem resistente lá em cima. Só preciso achar um pedaço de tecido. Deixe comigo, mãe.

— Obrigada, querida — agradeceu-lhe a mãe, ajeitando os cabelos e voltando para o andar de cima, onde provavelmente terminaria de se arrumar.

Sophie foi procurar a tesoura de jardinagem.

Depois de transformar a maior parte do sótão em um espaço reservado para as crianças — que poderia ser qualquer pessoa com menos de 25 anos —, Sophie foi de uma pequena crise

(não há papel para secar as mãos!) a outra (não há papel higiênico!), então teve pouquíssimo tempo para se arrumar para a festa. Ela pegou uma blusa branca, porque era a que estava limpa, e uma minissaia preta, porque a mãe ia preferir isso ao jeans, e então desceu para ajudar os pais e o irmão a servir as bebidas. Não que o irmão estivesse servindo alguma coisa. No momento em que chegava alguém com quem ele queria conversar, garantia que ele e sua vítima estivessem com as taças cheias e a levava a seu escritório, onde batiam papo em paz.

Em pouco tempo, tudo já parecia encaminhado; a comida estava sendo servida, os convidados se espalhavam pelo terraço, e Sophie começou a desejar estar lá em cima, com o pessoal mais jovem. Ela já estava cansada de explicar o tempo todo que, sim, era bem mais nova que seus irmãos mais velhos e mais inteligentes, e, não, não frequentava a universidade, nem planejava entrar em uma. Sentia-se feliz fazendo o que fazia, muito obrigada. (Ela era muito educada.)

Em alguns momentos, Sophie desejava responder que o que ela queria mesmo era estudar alfaiataria, mas que a ideia havia sido descartada pelos pais, que alegaram não ser uma carreira adequada e que com o tempo ela iria amadurecer e acabar desistindo daquilo. Ela estava começando a ficar profundamente irritada, algo que Amanda e Milly teriam aprovado.

Sophie estava se perguntando se deveria roubar uma travessa inteira de musse de chocolate e levar lá para cima, quando uma conhecida de sua mãe que ela já havia visto várias

vezes — pois a mulher e a mãe frequentavam a mesma aula de artes — tocou em seu ombro.

— Você pode me dar uma taça limpa? Esta aqui está imunda.

A mulher não sorriu ao fazer o pedido, nem mesmo disse “por favor” ou “obrigada”. E Sophie, que limpou pessoalmente todas as taças e não conseguia imaginar em que armário aquela ali havia se escondido, sentiu-se ofendida. A mulher não percebeu, claro, porque Sophie apenas sorriu e pegou a taça suja. Então ela foi até a cozinha, lavou a taça, secou e a trouxe de volta para a mulher.

— Ah, e um vinho branco, por favor. Que não seja chardonnay — disse. — Algo decente.

Quando a mulher finalmente conseguiu o vinho que queria, e dignou-se a reconhecer o serviço dela com um aceno de cabeça, Sophie decidiu que já estava cansada de trabalhar de graça como garçonete e que precisava fugir dali.

Ela roubou a musse de chocolate e algumas colheres, certa de que havia pratos de papel no cômodo das crianças. Pretendia dividir o doce com quem estivesse lá em cima, animaria os convidados com um jogo e depois ligaria para Milly em Nova York.

— Então — continuou Sophie, com o telefone apoiado entre a orelha e o ombro, enquanto distribuía as cartas de baralho — uma velha bêbada e má achou que eu fosse uma garçonete! Na festa dos meus pais! E eu já vi essa mulher várias vezes! Foi

demais para mim, então vim me refugiar aqui em cima. Está bem mais divertido.

— Isso é horrível.

Do outro lado do Atlântico, a voz de sua amiga estava meio rouca.

— Desculpe, Milly! Eu te acordei? Estava querendo te ligar fazia séculos e esqueci da diferença de fuso horário.

— Está tudo bem, já tinha acordado. Estava de preguiça na cama, mas não se preocupe. — Houve uma pequena pausa na qual Sophie quase pôde ouvir a amiga esfregando os olhos e se preparando para fofocar. — E, então, não tinha ninguém interessante na festa?

— Se você está se referindo a homens, não. É a festa anual de verão dos meus pais, só que um pouco atrasada. Você deve se lembrar... você e a Amanda vinham sempre. Só tem parentes e velhos amigos dos meus pais. Corri para o andar de cima, onde as crianças estão. Estou cansada de ser tratada como empregada. Já é ruim ser tratada assim pela minha família, mas quando os convidados também começam a fazer isso...

— Para falar a verdade, Soph, você trabalha como garçonete.

— Eu sei! E tenho orgulho de ser garçonete, mas essa mulher foi tão grossa que ela teria sido rude mesmo se eu *estivesse* trabalhando. Então fiz todo mundo juntar todas as cartas de baralho que conseguisse encontrar para jogarmos Racing Demon, e vamos nos divertir muito.

Dava para perceber que Milly não achava a ideia da amiga tão “divertida” assim. Houve um momento de silêncio, um farfalhar de lençóis, e então Milly disse:

— Olha, por que você não vem para Nova York? Sei que estou sempre pedindo isso, mas agora seria mesmo o momento perfeito. Você não está mais trabalhando como babá, não é? Está livre? O tempo está bem agradável aqui, e daqui a um mês é Dia de Ação de Graças.

— Parece maravilhoso! Mas não quero gastar dinheiro. Estou economizando para fazer um curso.

— Um curso de quê?

— Não consigo decidir. De alfaiataria ou de gestão de pequenos negócios. O que parecer mais útil quando eu tiver o dinheiro, acho.

— Seus pais não vão pagar para você estudar? — Milly não conseguia esconder sua indignação. — Você não fez faculdade, já economizou uma fortuna deles.

— Bem, é verdade, mas eles não vão pagar por nada que considerem um “hobby”, como encadernação ou confecção de vitrais. E tenho certeza de que alfaiataria está nessa mesma categoria para eles. Arte é outra coisa — disse Sophie, na mesma hora, lendo os pensamentos da amiga. — E a ideia do pequeno negócio também teria o mesmo problema, provavelmente. Eles não entendem as pessoas que trabalham para si mesmas — suspirou. — Embora, para falar a verdade, eles não tenham muito dinheiro também.

— Então venha para Nova York! Você não vai gastar muito. Tem passagem em promoção. E pode ficar aqui comigo.

Sophie estava adiando o que precisava contar à amiga. Milly reagiria da mesma forma que Amanda. No entanto, era melhor

ser honesta, já que sua amiga estava preocupada. E ela acabaria desabafando em algum momento, de qualquer maneira.

— É que... eu fiquei de tomar conta de um parente mais velho. Mas está tudo bem! Ele vai me pagar. — Ela cruzou os dedos quando disse isso, porque ainda não tinha certeza de que iria ganhar pela tarefa.

Como era de esperar, a (péssima) opinião de Milly sobre sua família ecoou pelo oceano Atlântico.

— Ah, Sophie! Não pode deixar sua família obrigar você a fazer algo que beneficia só a eles, e não a você. Sabe como eles são.

— Sei muito bem.

— Eles sempre tentam fazer você se adequar ao que eles querem, e nunca dão espaço para que siga seus próprios sonhos. Está na hora de tomar o controle da sua vida e seguir sua estrela!

Sophie hesitou.

— Você tirou isso de um livro de autoajuda ou de um desses programas de televisão com frases inspiradoras?

Ela quase conseguiu ver a expressão magoada de Milly.

— Tá, tudo bem, provavelmente tirei, sim. Mas só porque se trata de um clichê não quer dizer que não seja verdade.

— Eu sei. Vou tentar me impor e não ser mais um capacho.

— Você não é um capacho, Soph, mas eles são muito mandões, e você é prestativa e altruísta demais. Bem, vou procurar um trabalho que possa trazer você para cá sem um green card.

— Obrigada, Milly. Vou ignorar o fato de que você está sendo muito mandona neste momento. Como você conseguiu seu green card?

— Meu chefe resolveu tudo. Eu tenho habilidades únicas.

— Ah, uma delas é ser mandona?

— Mas só estou sendo mandona para o seu próprio bem!

— É o que todos eles dizem.

— Sophie! — chamou uma das crianças que esperavam pacientemente enquanto ela embaralhava as cartas. — Os mais novos estão ficando de saco cheio. Já vamos jogar?

— Claro — respondeu Sophie. — Mills, tenho que ir. Estou sendo requisitada. Ligo para você depois.

— E eu vou procurar um trabalho para você aqui. Nós íamos nos divertir tanto juntas! Posso te mostrar todos os lugares, as melhores lojas... Vai ser sensacional! Vou te mandar um e-mail — disse Milly, que agora parecia totalmente acordada.

— Legal! E obrigada por me ouvir. Que horas são aí?

— Quase dez da manhã. Mas hoje é domingo!

— Ah, não tenho nenhum motivo para me sentir culpada então.

Sophie encerrou a ligação com a segunda de suas melhores amigas e virou-se para os vários primos e filhos dos amigos de seus pais.

— E então, pessoal? Todos com suas cartas?

Uma das “crianças” mais velhas tinha conseguido contrabandear algumas garrafas de vinho lá para cima e agora estava enchendo a taça de Sophie. Ela podia ser a “menos inteligente” (ninguém dizia de fato que ela era burra) da família

Apperly, mas com certeza era a mais bonita e, de longe, a mais gentil. Era por isso que agora estava sentada no chão, com as longas pernas cruzadas, o cabelo cor de caramelo preso num coque no alto da cabeça. Depois de ser confundida com a garçonete, ela rapidamente trocou sua minissaia preta e blusa branca por uma calça jeans e uma blusa de gola V que havia customizado com botões de madrepérola comprados por uma pechincha em um brechó.

— Vamos dar uma olhada nas regras? — sugeriu.

Como muitos deles nunca haviam jogado antes, era preciso explicar direitinho como era o jogo, levando em conta a idade e a falta de experiência de alguns participantes, e quais eram as punições, para os que já eram especialistas em Racing Demon. E então o jogo começou. Cartas voaram e houve gritos de indignação e de triunfo. Quando a primeira rodada terminou, Sophie teve de consolar o jogador mais novo.

— Desta vez você só precisa se livrar de dez cartas, e todos os outros precisam de 12 — explicou ela, abraçando o menino choroso de 6 anos. — E seu irmão precisa descartar 14, porque ele ganhou!

— Sophie — disse o irmão em questão, em tom de reclamação —, acho que você está inventando as regras no meio do jogo.

— Estou mesmo. E tenho todo o direito.

Houve alguns resmungos, mas, como Sophie era a prima favorita, e todos eles tinham uma leve queda por ela, o motim foi evitado.

— Está bem, encham seus copos. Toby, você pode colocar um pouquinho de vinho na sua limonada, mas só eu posso bebê-lo puro — declarou ela.

— Isso não é justo! — reclamou Toby, com o apoio dos demais.

— Eu sei — replicou Sophie, fingindo tristeza. — A vida é difícil, não é?

Ela podia ser bem tranquila, mas não seria responsável por deixar os primos adolescentes beberem demais e passarem mal.

Sophie continuou o jogo até que o mais novo, com uma pilha de apenas cinco cartas para se livrar, eventualmente ganhasse. Honra mantida, ela se levantou do chão, limpou a calça jeans e voltou para o primeiro andar, checando antes se não havia deixado nenhuma bebida alcoólica ao alcance dos primos.

Como já esperava, só restava a família, reunida em pequenos grupos pela casa. O pessoal do bufê estava recolhendo tudo. Sophie começou a juntar as taças, um pouco por hábito e também porque sabia que ninguém mais iria ajudar.

— Querida! — disse a mãe dela, uma artista linda e agora um pouquinho bêbada, colocando o braço em volta da filha mais nova. — Quase não vi você. Ficou tomando conta dos mais novos?

— Alguns já não são mais tão novos. Mas, sim, fiquei.

— Essa menina é um doce! — elogiou a mãe de Sophie, mexendo no cabelo da filha e soltando-o do coque. — Sempre tão boa com crianças!

— Fico feliz em ajudar — afirmou a jovem, tentando não se sentir mal com aquele meio elogio. — Acho que vou ajudar Linda e Bob na cozinha.

— Veja se ainda tem mais uma garrafa de espumante — disse uma voz bem nítida vinda do corredor. — Fiquei conversando com um amigo chato do papai e estou há um tempão sem beber nada.

Joanna, a irmã mais velha, era a favorita de Sophie. Ainda que todos a tratassem como se ela fosse uma pessoa muito simplória, Joanna pelo menos percebia que Sophie não era mais criança.

Sophie pegou uma garrafa de champanhe e algumas taças limpas e voltou para procurar a irmã. Ela a encontrou no jardim de inverno, fumando um cigarro.

— Quer que abra a garrafa para você? — perguntou Sophie.

— Eu abro garrafas de champanhe desde antes de você nascer — afirmou a irmã, apagando o cigarro.

— Desde que tinha 15 anos? Estou chocada!

Joanna não se abalou.

— Vai beber comigo?

— Vou ajudar o pessoal na limpeza. Eles estão bem cansados lá na cozinha e ainda têm um outro evento para fazer esta noite.

— Sophie pensou um pouco e concluiu que já dava para fazer piada: — Você acredita que aquela ridícula que fazia aula de arte com a mamãe achou que eu era garçonete?! Pediu uma taça limpa e ainda foi bem exigente com o vinho que queria.

Joanna encolheu os ombros:

— Você sempre sendo prestativa... Vou guardar um pouco do champanhe para você. Nossos primos já estão indo embora com os filhos. Vamos poder relaxar e conversar um pouco. Não consigo acreditar que eles convenceram você a tomar conta do Tio Eric Malvado.

Como Sophie também não conseguia acreditar naquilo, voltou à cozinha. Assim que tudo estivesse limpo, poderia tomar uma taça de champanhe tranquilamente com a irmã e relaxar.

Capítulo 2



Ah, tomar uma taça de champanhe tranquilamente não estava nos planos de ninguém. Embora todos os tios, tias e primos tivessem ido embora, os membros da família que restavam — os filhos dos anfitriões — estavam bem agressivos. Isso acontecia com frequência, e Sophie nunca conseguia entender se era por causa do álcool ou só porque eles eram naturalmente críticos e invejosos e não faziam a menor questão de esconder isso quando estavam juntos, em família.

Primeiro, o irmão mais velho de Sophie chegou como um raio ao jardim de inverno. Stephen trabalhava para uma instituição em defesa de causas ambientais e conseguia fazer parecer que salvar o planeta era algo ruim. Ele era enfadonho, afetado e tedioso. Ficou irritado porque descobriu que os filhos estavam jogando pôquer e queria alguém em quem colocar a culpa, agora que os primos já tinham ido embora. Ele acabou encontrando mais combustível para sua raiva ao sentir um leve cheiro de cigarro em meio aos jasmims azuis e às figueiras.

— Fale a verdade, Jo. Você não está deixando a Sophie fumar, né?

Sophie nem reagiu. Não adiantava tentar lembrar ao irmão que ela tinha idade suficiente para fumar se quisesse.

— É claro que não — disse Joanna, colocando os pés em cima do sofá e exalando a fumaça. — Só deixei que ela bebesse uma taça de champanhe.

— Já tem quatro anos que, segundo a lei, posso beber em bares, Stephen — replicou Sophie, que havia se aninhado numa cadeira, quase escondida atrás do jasmineiro.

Ele ignorou o comentário. Aos olhos de Stephen, Sophie era muito nova para fazer qualquer coisa que fosse remotamente divertida, mas era velha o bastante para servir de bode expiatório. Ele parou na frente dela com as mãos na cintura:

— Foi você que ensinou meus filhos a jogar cartas? Peguei os dois apostando!

— Mas com fósforos — disse Sophie. — Os coitadinhos precisavam fazer alguma coisa. É muito chato ser criança em festa de adulto, sabia? Principalmente quando os convidados são tão chatos.

— A coitada da Soph foi confundida com uma garçonete — explicou Joanna, virando o restante da garrafa na sua taça.

— Eu achei que você estaria tomando conta deles — esbravejou Stephen. A irmã mais nova era um alvo fácil, e ele estava determinado a brigar com alguém.

— Joguei Racing Demon com eles por um tempo, mas depois desci — disse Sophie. — Eles devem ter continuado o jogo quando os outros foram embora com os pais. Eles são seus filhos, sabia? A responsabilidade é sua, não minha.

A culpa o atingiu em cheio, exatamente como ela pretendia. Stephen levava suas responsabilidades a sério.

— Só não achei nada legal encontrar meus filhos apostando em jogos de azar...

— Com fósforos! — disseram juntas Joanna e Sophie.

— Onde está a Hermione? — perguntou Sophie, referindo-se à esposa dele.

— Está conversando com Myrtle e Rue sobre os perigos das apostas.

As irmãs se entreolharam.

— Tenho certeza de que vocês duas estão achando isso muito engraçado — continuou Stephen, lendo corretamente as expressões das irmãs. — Mas nós demos um duro danado para ensinar valores morais aos nossos filhos. Não quero que tudo vá por água abaixo numa tarde.

— Bem, então você deveria tomar conta deles — disse Joanna, que adorava provocar o irmão mais velho. — Ou confiar mais nos valores morais que ensinou aos dois. E no hábito de comer iogurte e granola.

— Não é porque escolhemos levar uma vida sustentável que você precisa ficar debochando.

— Ah, querido, preciso sim! — insistiu Joanna.

— Vocês querem um chá? — perguntou Sophie, tentando conseguir um descanso de cinco minutos só para ela. Sua família sempre a deixava com vontade de tomar um chá.

Champanhe deixava Joanna impertinente, mas como ela não vinha para casa com frequência — e eles compravam champanhe com menos frequência ainda —, Sophie sempre esquecia que a irmã não podia beber muito. Um chá poderia ajudá-la também. Às vezes Sophie achava que havia sido